

## BATISTA CEPELOS, O POETA DA NOSTALGIA

Mário PIRES

*“Ali, graças a Deus, sob o leque risonho  
do verde buriti, entre amenas cantigas,  
vejo reverdecer a seara do meu sonho,  
que fulge à luz do sol, como um campo de estrigas...”*

*Vejo as aves cantando, ao alcance do braço  
Vejo os frutos sorrindo, ao alcance de um gesto,  
Vejo as fontes correndo, ao alcance de um passo.*

*E ali fico a cismar nos meus dias tiranos,  
enquanto o coração, recolhido e modesto,  
repete ingenuamente a canção dos vinte anos!”*

São versos de um poeta desiludido da grande cidade, que aceita promotoria da pequena Apiaí (a “Cafarnaum, como a chama) para ali ganhar seu sustento e exercer seu estro. Trata-se do paulista de Cotia, cuja poesia foi considerada brilhante pelos mais exigentes críticos. Nasceu aos 10 de dezembro de 1872, filho de humilde professor de primeiras letras. Aos 17 anos matriculou-se na “Academia das Arcadas”, mas, para poder custear os estudos assentou praça na Força Pública. De sua vida militar ficou-lhe o costume de chamar “paisano” aos civis. Dizia “Aquele paisano não me agrada, não deve ser boa coisa”. “Ou então: “Gosto daquele paisano”.

Era de estatura mediana e tez clara, os cabelos castanhos, repartidos de lado. Usava um basto bigode que lhe toldava o lábio e cujas guias ele retorcia para cima. Como fosse excessivamente míope, ao fitar alguém apertava os olhos através de um pince-nez de grossos vidros. Caminhava apoiando-se a uma bengala, mas sem vergar os ombros; ao contrário, erguia altiva a cabeça, fazendo empenho em aprumar o corpo.

Era profundamente orgulhoso e nesse orgulho, por vezes, se encastelava, enfasiado e solidário.

Era muito franco e nessa franqueza não poupava fosse quem fosse. Um seu companheiro, com ele andando pelas ruas da cidade, estranhou que chamasse de “zebra” a um ilustre professor da Faculdade de Direito... O mesmo era com o burguês, que ele não tolerava, porque o considerava um filisteu, incapaz de uma emoção estética, de um sentimento artístico.

Certa noite, num grupo em que se encontrava, aproximou-se um velho bêbado e Cepelos, condoído, exprobu aos que o trataram com desdém, recitando uns versos de sua autoria:

*“Derradeiro degrau do aviltamento  
Bêbado sem razão, nau sem agulha,  
No pavoroso caos do pensamento  
Não te lampeja a mínima fagulha!”* E terminava:  
*“Mas, enfim, ninguém sabe o que procuras  
Na bebida, bebendo desse jeito...  
Ah! ninguém sabe quantas amarguras  
Te fazem doer o coração no peito!”*

Cepelos era um tipo sensível, profundamente humano, à moda de Thomas Quincey, de quem fala Baudelaire, que era um peripatético, um filósofo das ruas. Detestava a Paulicéia barulhenta, desumana. Seu maior sofrimento era quando as férias forenses estavam a terminar e ele se via forçado a recolher-se à sua comarca, onde, ao sol posto, dizia:

*“Os longos vegetais sombrios como Judas,  
Parecem conspirar, baixinho, contra a gente,  
Vestidos, como estão, de largas sombras mudas...  
No brejal, donde sobe o nevoeiro em farrapos,  
Cantam as jaçanãs e, simultaneamente,  
Começa o martelar monótono dos sapos...”*

E se lastimava aos amigos: “Vocês não calculam as saudades que levo daqui!”. Eça de Queirós considerava os miseráveis transeuntes como simplesmente nossos companheiros do planeta. Era verdade com Cepelos: passava horas debruçado da sua janela a observar todos que passavam. Dele, são os versos do “Tocador de realejo”:

*“Parando numa esquina, ao sol do meio-dia,  
Um rubro e belo sol, que doura o firmamento,  
O pobre tocador se encosta e principia  
Um trecho musical, triste como um lamento.*

*E esse grito roufenho, em que a Miséria estua,  
Capaz de comover até as pedras da rua,  
Não pode comover os corações de pedra!”*

Cepelos, como militar, até que foi bem sucedido, alcançando o posto de capitão. Mas, não se satisfazendo com a vida militar tornou-se jornalista na Capital. Mas, na realidade, foi na poesia que se refugiou. Seu primeiro poema foi “A derrubada”, com que iniciou “Os bandeirantes”, prefaciado por Olavo Bilac. Fez teatro e escreveu contos e romances.

Mas, uma tremenda tribulação aconteceu em sua vida: quando promotor em Itapetininga, apaixonou-se pela filha do Senador Peixoto Gomide, então vice-presidente do Estado, e que, a princípio viu com bons olhos o noivado. Porém, deixando-se levar por invejosos contra o jovem poeta, tornou-se profundamente contrariado e, num gesto extremo de desespero, matou a filha e suicidou-se!

Cepelos, desesperado diante da tragédia, retirou-se para o Rio de Janeiro e passou a viver como um pária, tentando o suicídio. Amigos influentes, condoídos de sua situação, promoveram a encenação, em seu benefício, de sua peça teatral “Maria Madalena”. Mas, dias depois, a 8 de maio (de 1915) seu corpo foi encontrado no fundo do quintal da casa em que residia. Consumara-se o suicídio!

Os críticos declararam-no como poeta objetivo e descritivo, cuja forma, um parnasiano perfeito e cuidado, no dizer de Olavo Bilac.

Tal como Mário de Andrade, Batista Capelos, quando residiu em São Paulo, voltou-se para o tema dos humildes, seus usos e costumes, exaltando a figura álacre e gentil das costureirinhas do centro da Capital. Seu soneto sobre as jovens que, à tardinha, deixavam as oficinas, é uma jóia que retrata perfeitamente o perfil delas. Como uma homenagem ao poeta e à minha saudosa mãe, que teve seu ateliê de “haute-couture”, de onde tirava o suficiente para ajudar o marido no sustento do lar e na educação dos filhos, aqui vão os expressivos versos:

*“Todos os dias passa, arisca e fina,  
Batendo com os sapatinhos na calçada,  
A mão pequena, a boca pequenina,  
A cintura ondulante e delicada...*

*E causa pena que essa flor menina,  
Na manhã da existência, ainda orvalhada,  
Murcheça na prisão de uma oficina,  
A cabeça pendida e contristada...*

*Apesar disso, à tardezinha, quando  
Sai do serviço, num gracioso bando,  
É alegre como um lírio à madrugada!*

*E em muitos olhos a paixão  
Fáisca, quando ela passa,  
Maliciosa e arisca, batendo  
Sapatinhos na calçada!”*